

Querido Professor



Cartas para quem ensina,
todos os dias,
muito mais do que conteúdos.



com carinho,

Camila Mota 

e-book
gratuito



QUERIDO PROFESSOR

CARTAS PARA QUEM
ENSINA

VOLUME 1

CAMILA MOTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mota, Camila
Querido professor [livro eletrônico] : cartas para
quem ensina, todos os dias, muito mais do que
conteúdo com carinho : volume 1 /
Camila Mota. -- Fortaleza,
CE : Ed. da Autora, 2026. -- (Querido professor)
PDF

ISBN 978-65-02-22268-3

1. Cartas - Coletâneas 2. Formação docente -
Metodologias ativas 3. Professores - Formação
I. Título II. Série.

26-376518.0

CDD-808.86

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Coletâneas : Literatura 808.86

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Dedicatória

Aos professores que encontrei pelo caminho.

Aos que um dia seguraram minha mão quando eu ainda aprendia a escrever meu próprio nome.

Aos que me ensinaram muito mais do que conteúdos; ensinaram, com gestos, silêncios e afetos, o que significa educar.

Aos professores que dividiram comigo suas salas de aula, suas dúvidas, suas alegrias, seus medos e, muitas vezes, seus dias mais difíceis.

Antes de me tornar professora, fui aluna.

Antes de formar professores, fui formada por muitos deles.

Cada encontro, cada conversa e cada história que ouvi ajudaram a construir as páginas deste livro.

Por isso, se em algum momento você se reconhecer nestas cartas, saiba que talvez elas também tenham sido escritas por você.

"Este livro não é dedicado aos professores. Este livro existe por causa deles."

AS CARTAS QUE VOCÊ ENCONTRARÁ AQUI

01	CARTA 1 PARA UM PROFESSOR CHEIO DE SONHOS	3
02	CARTA 2 PARA UM PROFESSOR QUE DESCOBRIU QUE ENSINAR TAMBÉM CANSA	5
03	CARTA 3 PARA UM PROFESSOR QUE LEVA A ESCOLA PARA CASA	7
04	CARTA 4 PARA UM PROFESSOR QUE COMEÇOU A DUVIDAR DE SI MESMO	9
05	CARTA 5 PARA UM PROFESSOR QUE ESQUECEU DE DESCANSAR	11
06	CARTA 6 PARA UM PROFESSOR QUE APRENDEU COM SEUS ALUNOS	13
07	CARTA 7 PARA UM PROFESSOR QUE JÁ NÃO CONSEGUE VER AS SEMENTES	15
08	CARTA 8 PARA UM PROFESSOR QUE PRECISOU RECOMEÇAR	18
09	CARTA 9 PARA UM PROFESSOR QUE AINDA ESCOLHE ACREDITAR	21
10	CARTA 10 PARA UM PROFESSOR QUE PERMANECEU	23

Antes da primeira carta...

Se você abriu este livro procurando uma nova metodologia, talvez se decepcione. Você não encontrará planos de aula, sequências didáticas ou respostas prontas para os desafios da educação. Existem muitos livros que ensinam como planejar uma boa aula. Este não é um deles.

Este livro nasceu das conversas que começam quando a formação termina. Das histórias compartilhadas durante um café na sala dos professores. Dos silêncios que ninguém percebe. Das lágrimas escondidas depois que os alunos vão embora. Das risadas que insistem em permanecer, mesmo nos dias mais difíceis.

Ao longo da minha caminhada, conheci professores que me ensinaram muito mais do que qualquer universidade poderia ensinar. Alguns foram meus professores quando eu ainda era aluna. Outros caminharam ao meu lado quando me tornei professora e, mais tarde, formadora. Todos deixaram em mim uma marca.

Foi ouvindo essas histórias que compreendi uma verdade simples: antes de ensinar, todo professor também precisa ser acolhido. Por isso, estas páginas não foram escritas para ensinar você a ser um professor melhor. Foram escritas para lembrar que, antes do professor, existe uma pessoa.

Uma pessoa que também sente medo.

Que também se cansa.

Que, às vezes, duvida de si mesma.

Que nem sempre volta para casa com a certeza de que fez o suficiente.

Talvez você se reconheça em algumas destas cartas.

Talvez se lembre de um colega.

Talvez se recorde de um professor que marcou a sua vida.

Ou, quem sabe, descubra que alguém finalmente colocou em palavras aquilo que você nunca conseguiu explicar.

Se isso acontecer, este livro já terá cumprido seu propósito.

Você não precisa ler estas cartas na ordem em que foram escritas. Comece por aquela cujo título parece chamar pelo seu nome. Afinal, toda boa carta encontra seu destinatário no momento certo.

Carta nº 1 - Para um professor cheio de sonhos

Querido professor,

Talvez você ainda se lembre do primeiro dia. Da roupa escolhida na noite anterior. Dos materiais organizados com um cuidado que parecia exagerado para quem olhava de fora. Do planejamento revisado tantas vezes que já não era possível saber se ainda havia algo para mudar ou se era apenas uma tentativa de acalmar a ansiedade.

Naquela noite, o sono demorou um pouco mais para chegar.

Havia perguntas demais para uma véspera de começo. Como seriam os alunos? Será que gostariam das aulas? Será que a voz sairia firme ao dizer as primeiras palavras? Será que aquele sonho, cultivado durante tanto tempo, finalmente encontraria seu lugar?

É curioso como, antes de sermos professores, já carregávamos um pouco dessa profissão dentro de nós.

Ela começou muito antes do primeiro concurso, da primeira contratação ou da primeira sala de aula. Começou quando ainda ocupávamos uma carteira, observando, sem perceber, aqueles que nos ensinavam todos os dias.

Acho bonito pensar que ninguém escolhe essa profissão completamente sozinho. Há sempre um professor escondido dentro da nossa escolha.

Talvez tenha sido aquela professora que acreditou em você quando ninguém mais acreditava. Talvez aquele professor que percebeu seu silêncio antes mesmo que você aprendesse a escondê-lo. Ou aquele que, sem saber, fez você descobrir que conhecimento também podia ser afeto.

E então chegou o seu dia.

Você entrou na sala carregando um diário, alguns livros e um coração cheio de expectativas. Talvez tenha pensado que conseguiria alcançar todos os alunos. Que nenhuma criança terminaria o ano sem aprender. Que encontraria a palavra certa para cada dificuldade e a resposta para cada pergunta.

Havia uma confiança silenciosa de que alguma coisa importante começaria naquele encontro.

Naquele primeiro dia, ninguém pensa nas dúvidas que um dia irão aparecer. Elas ainda não existem. O que existe é o começo. Ainda há espaço para acreditar que cada aula encontrará todas as respostas e que cada aluno levará consigo um pouco daquilo que foi ensinado.

As perguntas virão depois. Haverá dias em que o silêncio da volta para casa parecerá mais longo do que o caminho. Dias em que surgirá a dúvida se o esforço foi suficiente. Dias em que os resultados parecerão pequenos demais para tudo o que foi entregue.

Mas esta carta ainda não é sobre esses dias.

Esta carta é sobre o começo.

Antes de fechar esta carta, permita-se voltar por alguns instantes ao começo. Visite, em silêncio, a lembrança do seu primeiro dia. Talvez algumas lembranças tenham se perdido pelo caminho. Outras, talvez, ainda estejam exatamente onde sempre estiveram. Esperando apenas que alguém as visitasse novamente.

Com carinho,
Uma professora que ainda sonha.

Um pequeno convite

Antes de seguir para a próxima carta, visite uma lembrança. Não precisa ser a mais bonita. Nem a mais importante. Apenas a primeira que surgir. Depois, responda silenciosamente:

O que fez você acreditar que queria ser professor?

Às vezes, as respostas mais sinceras moram exatamente onde tudo começou.

Carta nº 2 - Para um professor que descobriu que ensinar também cansa

Querido professor,

Em algum momento, sem que ninguém percebesse, a rotina ocupou o lugar da novidade.

Os dias passaram a começar mais cedo do que o corpo gostaria. O café, muitas vezes, precisou ser tomado depressa. Os planejamentos deixaram de ser feitos apenas na escola. Alguns seguiram viagem dentro da mochila, sobre a mesa da cozinha ou ao lado da cama, esperando por mais alguns minutos de atenção antes que o sono chegasse.

É curioso como o cansaço nem sempre chega fazendo barulho. Às vezes, ele aparece em pequenos detalhes. Na atividade que ficou para amanhã, na pilha de cadernos que cresce um pouco mais a cada dia. Uma mensagem respondida fora do horário, a ideia de aula que insiste em surgir justamente quando já era hora de descansar.

Há um momento em que ensinar deixa de acontecer apenas dentro da sala de aula.

Ele atravessa a porta da escola.

Entra no carro.

Senta-se à mesa durante o jantar.

Acompanha os finais de semana.

E, quando menos se espera, já encontrou um lugar entre os pensamentos.

Talvez seja difícil perceber exatamente quando isso acontece, pois aparece tão devagar que é como se fizesse parte da profissão. Como se cuidar dos alunos significasse, inevitavelmente, esquecer um pouco de si.

Mas o cansaço não nasce apenas do excesso de tarefas.

Existe um outro, mais silencioso.

Aquele que aparece quando um planejamento preparado com tanto carinho parece não alcançar todos.

Quando uma aula termina diferente do que havia sido imaginado.

Quando as dúvidas continuam existindo mesmo depois de todo o esforço.

Ensinar também é conviver com aquilo que não cabe no planejamento.

Com o inesperado.

Com o improviso.

Com os dias em que nada parece acontecer como foi pensado.

E talvez seja justamente por isso que essa profissão seja tão difícil de explicar para quem nunca a viveu. Porque o trabalho de um professor raramente termina quando o sinal toca. Alguma parte dele sempre continua.

Às vezes em forma de preocupação.

Às vezes em forma de esperança.

Às vezes apenas em silêncio.

Mas esta carta não foi escrita para falar sobre tudo o que pesa.

Foi escrita para lembrar que reconhecer o cansaço não diminui a beleza da escolha feita um dia.

Talvez apenas revele o quanto dela existe em cada parte da vida.

Com carinho,

Alguém que descobriu que ensinar também cansa.

Antes da próxima carta...

Hoje, antes de dormir, tente lembrar da última vez em que você terminou um dia de trabalho completamente cansado.

Não para encontrar uma explicação.

Apenas para perceber que, muitas vezes, o cansaço também é uma forma silenciosa de dizer o quanto você se entregou.

O cansaço nem sempre faz barulho.

Às vezes, ele apenas se senta ao nosso lado no fim do dia.

Antes de seguir a rotina, perceba se ele chegou.

Carta nº 3 - Para um professor que leva a escola para casa

Querido professor,

Não sei se você conseguirá dizer exatamente quando isso aconteceu, mas...

Em algum momento, a escola deixou de terminar quando o último aluno foi embora. Sem pedir licença, encontrou um lugar entre os cômodos da casa, ocupou alguns horários do dia e passou a fazer parte da rotina de um jeito tão silencioso que quase parecia natural.

Primeiro, foi um caderno levado para corrigir "só desta vez". Depois, um planejamento que parecia mais tranquilo de terminar em casa. Vieram as provas, os relatórios, as reuniões marcadas para o dia seguinte, as mensagens respondidas já no início da noite. Quando se percebeu, a mesa onde antes cabiam apenas as refeições também passou a dividir espaço com folhas, canetas coloridas e uma pilha de atividades esperando por mais algumas horas de atenção.

É curioso como algumas profissões conseguem fechar a porta quando o expediente termina. A docência, muitas vezes, continua caminhando ao nosso lado. Ela acompanha o caminho de volta, reaparece durante o jantar, interrompe um filme por causa de uma ideia que não pode ser esquecida e, às vezes, encontra um lugar até nos minutos que deveriam pertencer apenas ao descanso.

Há dias em que o peso da profissão não está na mochila. Está nos papéis que esperam correção, nos prazos que se aproximam, nas responsabilidades que parecem crescer mais rápido do que o tempo disponível. Cada folha carrega um nome, uma história, uma expectativa. E talvez seja justamente por isso que seja tão difícil tratá-las apenas como tarefas.

O tempo, por sua vez, parece nunca fazer o mesmo acordo que fazemos com ele. As horas da escola terminam, mas o trabalho não. Há sempre mais uma atividade para revisar, uma aula para organizar, um registro para concluir.

E, pouco a pouco, vai surgindo a impressão de que um dia inteiro ainda não foi suficiente.

Talvez o mais curioso seja que quase tudo isso acontece por cuidado. Poucos professores levam trabalho para casa porque desejam trabalhar mais. Levam porque querem fazer melhor. Porque revisam uma atividade pensando em quem terá dificuldade para compreendê-la. Porque procuram outra forma de explicar um conteúdo. Porque imaginam uma aula que desperte curiosidade. Porque ensinar, muitas vezes, continua acontecendo mesmo quando a escola já ficou para trás.

E talvez seja justamente aí que mora uma das maiores delicadezas da profissão.

Existe uma linha muito fina entre carregar a escola por compromisso e carregá-la por afeto. Quase sempre, as duas caminham juntas. Tão juntas que, em alguns dias, já não é possível perceber onde uma termina e a outra começa.

Mas esta carta não foi escrita para perguntar se isso está certo ou errado.

Foi escrita apenas para lembrar que, sem perceber, a escola também aprendeu o caminho da sua casa.

E talvez você nunca tenha parado para notar quantas vezes ela atravessou essa porta.

Com carinho,
Uma professora que também já encontrou papéis sobre a mesa de
jantar.

Antes da próxima carta...

Hoje, quando chegar em casa, observe onde a escola costuma permanecer. Talvez seja na mochila ainda fechada. Nos cadernos sobre a mesa. Nas mensagens que esperam resposta. Ou apenas no pensamento.

Às vezes, o primeiro passo não é aliviar o peso.
É descobrir onde ele repousa.

Carta nº 4 - Para um professor que começou a duvidar de si mesmo

Querido professor,

Ninguém percebe exatamente quando a dúvida chega.
Ela não bate à porta. Também não anuncia que veio para ficar.
Apenas aparece, quase sempre depois de um dia comum.

Talvez depois de uma aula que não aconteceu como havia sido planejada. De um conteúdo que precisou ser explicado mais uma vez. De uma avaliação cujos resultados ficaram muito distantes daquilo que você imaginava encontrar.

E, sem perceber, a pergunta muda de lugar.
Já não é mais "o que meus alunos ainda precisam aprender?".
Passa a ser "será que sou eu que não estou conseguindo ensinar?".

É curioso como a profissão nos ensina a observar tantos detalhes nos alunos e, ao mesmo tempo, nos faz olhar para nós com uma dureza que dificilmente usaríamos com outra pessoa.

Você percebe uma criança que demorou um pouco mais para aprender a ler e celebra cada pequena conquista.
Mas, quando o assunto é você, parece que apenas os grandes resultados importam.

As pequenas vitórias passam despercebidas.
A criança que finalmente levantou a mão para participar da aula.
O aluno que sorriu depois de semanas em silêncio.
A família que agradeceu por uma conversa.
Aquele estudante que voltou a acreditar que era capaz.

Tudo isso acontece.

Mas, estranhamente, a dúvida costuma falar mais alto. Talvez porque ela tenha uma maneira silenciosa de apagar aquilo que não cabe em números, relatórios ou resultados. Ela faz esquecer que ensinar nunca foi uma soma exata. Que existem aprendizagens que não aparecem na mesma semana, nem no mesmo mês. Algumas levam anos.

Outras talvez floresçam quando você já nem estiver mais naquela escola. Ainda assim, há dias em que a sensação de insuficiência insiste em permanecer. Como se todo o esforço pudesse ser resumido apenas por aquilo que ainda não deu certo.

Talvez seja esse o momento mais injusto que um professor vive. Porque justamente quem passa os dias lembrando os alunos de que aprender é um processo, às vezes esquece de oferecer a si mesmo a mesma paciência.

Mas esta carta não foi escrita para convencer você de que faz tudo certo. Nenhum professor faz. Ela foi escrita apenas para lembrar que uma aula difícil não define uma trajetória.

Que um resultado não resume um ano inteiro.

E que a dúvida, por mais convincente que pareça, nem sempre conta a história completa.

Há dias em que ela fala mais alto.

Mas há também um silêncio que continua dizendo, mesmo sem palavras, que permanecer tentando ainda é uma forma de acreditar.

Com carinho,

Uma professora que também já confundiu exigência com insuficiência.

Antes da próxima carta...

Tente lembrar de um aluno.

Não daquele que apresentou os melhores resultados.

Nem daquele que deu mais trabalho.

Lembre daquele cujo nome surgiu espontaneamente enquanto lia esta carta.

Talvez exista uma razão para ele ter vindo à sua memória primeiro.

Às vezes, as histórias mais importantes não são as que mais apareceram nos relatórios.

São as que continuam morando dentro da gente.

Carta nº 5- Para um professor que esqueceu de descansar

Querido professor,

Existe uma pergunta que quase nunca aparece nas reuniões, nos planejamentos ou nos corredores da escola. Como você está?

Talvez porque todos pareçam ocupados demais para responder. Ou talvez porque, com o tempo, a resposta tenha se resumido a um simples "está tudo bem", mesmo quando o corpo já começava a contar outra história.

É curioso como aprendemos a perceber o cansaço dos alunos. Basta um olhar mais distante, uma cabeça apoiada sobre a carteira ou um bocejo escondido no meio da aula para que alguém pergunte se está tudo certo.

Mas ao nos olharmos, quase nunca acontece assim.

Seguimos adiando pequenas pausas como quem acredita que haverá um momento perfeito para descansar. Primeiro, termina o planejamento. Depois, as correções, o conselho de classe, o fechamento das notas. E assim, o próximo projeto. Sem perceber, o descanso vai sendo tratado como uma recompensa que sempre depende de mais alguma coisa acontecer antes.

Há dias em que o corpo tenta avisar.

O café já não desperta como antes.

O fim de semana parece curto demais.

A segunda-feira chega antes que o domingo tenha ido embora.

Mesmo assim, seguimos dizendo a nós mesmos que é só mais uma semana.

Talvez porque ensinar tenha nos acostumado a colocar tantas pessoas na frente das nossas próprias necessidades que, aos poucos, deixamos de perceber quando também precisávamos de cuidado.

E não há culpa nisso.

Há apenas uma profissão que nos ensina diariamente a olhar para o outro.

O difícil é lembrar que quem ensina também precisa ser olhado.

Descansar nem sempre significa fazer uma longa viagem ou desaparecer por alguns dias. Às vezes, o descanso mora em coisas pequenas: tomar um café sem pressa, terminar um livro pelo prazer da leitura, caminhar sem pensar na aula de amanhã, permitir que uma noite termine apenas sendo noite.

Talvez o descanso não seja o oposto do compromisso.

Talvez ele seja uma das formas de continuar comprometido sem se perder pelo caminho.

Porque nenhuma vela permanece acesa para sempre se nunca houver um instante para proteger sua chama do vento.

E talvez exista uma delicadeza nisso.

Reconhecer que fazer uma pausa não diminui o amor pela profissão.

Apenas lembra que quem cuida de tantas histórias também continua vivendo a própria.

Com carinho,

Uma professora que também precisa ouvir esta carta de vez em quando.

Antes da próxima carta...

Reserve alguns minutos que não precisam servir para nada.

Não para corrigir.

Não para planejar.

Não para responder mensagens.

Apenas alguns minutos seus.

E se pergunte:

"Quando foi a última vez que fiz uma pausa sem sentir culpa?"

Carta nº 6- Para um professor que aprendeu com seus alunos

Querido professor,

Durante muito tempo, talvez você tenha acreditado que entrou na sala de aula apenas para ensinar.

Era essa a missão que aparecia nos livros, nos planejamentos, nos cursos de formação e, de certa forma, era também a expectativa de quem o esperava do outro lado da porta.

Mas a escola tem um jeito curioso de surpreender.

Ela faz com que, em algum momento, você descubra que ensinar nunca foi um caminho de mão única.

Há aprendizagens que não chegam pelos livros. Elas aparecem em um abraço inesperado, em um desenho entregue no fim da aula, em uma pergunta feita com a sinceridade que só uma criança consegue ter. Surgem quando um aluno encontra uma solução completamente diferente daquela que havia sido planejada ou quando, sem perceber, ensina a olhar para o mundo por um ângulo que os adultos já haviam esquecido.

É curioso como, tantas vezes, são eles que nos lembram daquilo que a vida foi apagando aos poucos. A capacidade de se encantar com as pequenas coisas. A coragem de tentar outra vez depois de errar. A alegria de comemorar conquistas que, para um adulto, poderiam parecer pequenas demais.

Talvez um dos maiores presentes da docência seja esse: conviver diariamente com pessoas que ainda acreditam que amanhã sempre pode ser um novo começo.

E há algo ainda mais bonito.

Os alunos costumam nos conhecer de um jeito diferente. Eles não sabem quantos cursos fizemos, quantos títulos carregamos ou quantos anos de profissão temos. Raramente se importam com isso. Eles conhecem o professor que sorri ao entrar na sala, que escuta com atenção.

Que percebe quando alguém está mais quieto do que é de costume, e que insiste em acreditar mesmo quando aprender parece difícil.

Talvez seja por isso que, muitas vezes, eles nos aceitem antes mesmo que consigamos aceitar algumas das nossas próprias imperfeições.

Eles convivem com nossos dias bons e também com aqueles em que o cansaço aparece. Percebem quando a voz está mais baixa, quando o sorriso demora um pouco mais para surgir, quando alguma preocupação insiste em permanecer escondida atrás da rotina. E, ainda assim, continuam chegando à sala no dia seguinte como quem simplesmente acredita que estaremos ali.

Existe uma confiança muito bonita nesse encontro. Uma confiança que, às vezes, faz o professor lembrar que não precisa ser perfeito para ser importante. Basta estar presente. Talvez seja por isso que alguns alunos permaneçam conosco muito depois de deixarem a escola.

Não apenas porque aprenderam alguma coisa conosco.
Mas porque nós também aprendemos alguma coisa com eles.
E algumas dessas lições não cabem em um currículo.
Cabem apenas na memória.

Com carinho,
Uma professora que continua aprendendo todos os dias.

Antes da próxima carta...

Lembre-se de um aluno que ensinou algo a você.
Talvez ele nunca saiba disso.
Talvez aquela lição nem tenha acontecido durante uma aula.
Mas permaneceu.
E, às vezes, são justamente essas aprendizagens silenciosas que continuam nos ensinando muito tempo depois que a campainha toca pela última vez.

Carta nº 7 - Para um professor que já não consegue ver as sementes

Querido professor,

Existe uma parte da docência sobre a qual quase ninguém fala.
Talvez porque ela seja silenciosa demais.

Ensinar é uma das poucas profissões em que nem sempre é possível acompanhar o destino daquilo que foi semeado.

Os alunos seguem seus caminhos. Mudam de escola. Crescem. Tornam-se adultos. Levam consigo lembranças que, muitas vezes, nem imaginamos ter ajudado a construir. Enquanto isso, permanecemos na mesma sala, recebendo novas turmas, escrevendo outros nomes no diário e recomeçando o ciclo mais uma vez.

É curioso perceber como aprendemos a valorizar aquilo que pode ser visto. Uma atividade concluída. Uma nota melhor. Uma leitura realizada com autonomia. São conquistas importantes e merecem ser celebradas.

Mas existem aprendizagens que escolhem outro tempo.
Elas permanecem escondidas como sementes debaixo da terra.
Durante algum tempo, parecem não existir.

E talvez seja justamente nesse silêncio que muitos professores comecem a duvidar do próprio trabalho.

Porque ensinar exige um exercício de confiança.
Confiança de que uma palavra dita com cuidado pode permanecer na memória de alguém por muitos anos.
De que um incentivo oferecido no momento certo pode mudar a forma como uma criança passa a enxergar a si mesma.
De que um livro apresentado durante uma aula talvez encontre um leitor para a vida inteira.

Quase nunca estamos presentes quando essas sementes florescem.
E talvez essa seja uma das maiores belezas — e também uma das maiores dores — da profissão.

Há professores que reencontram antigos alunos depois de muitos anos.

Às vezes, eles já são pais, mães, médicos, pedreiros, artistas, agricultores, motoristas ou também professores.

E, no meio da conversa, contam uma história que parecia pequena demais para ser lembrada.

"Lembra daquele livro que você leu para a turma?"

"Foi naquela conversa que eu decidi continuar estudando."

"Você provavelmente nem se recorda, mas..."

Quase sempre, o professor não se recorda.

Porque, para quem ensina, aquele foi apenas mais um dia de trabalho.
Para quem aprendeu, talvez tenha sido um dia capaz de mudar um caminho inteiro.

Talvez seja por isso que a docência nunca tenha sido apenas sobre colher.

Ela sempre foi, antes de tudo, sobre confiar.

Confiar que nem toda semente rompe a terra diante dos nossos olhos.

Algumas escolhem florescer quando já seguimos adiante.

Outras continuam crescendo em lugares onde jamais voltaremos.

E isso não significa que deixaram de existir.

Significa apenas que a vida encontrou o tempo dela.

Se hoje lhe parece que pouco mudou, talvez seja apenas porque as sementes ainda estejam fazendo o trabalho silencioso que sempre fizeram.

A terra nunca anuncia quando está preparando uma primavera.

*Com carinho,
Uma professora que ainda também espera, às vezes, sem perceber, pela
primavera.*

Antes da próxima carta...

Lembre-se de um aluno que já não faz parte da sua turma.
Talvez você não saiba por onde ele anda.
Talvez nunca mais o encontre.

Mas permita-se pensar, por um instante, que alguma pequena parte daquilo que você ensinou ainda possa caminhar com ele.

Nem todas as sementes florescem diante de quem as plantou.
Mas isso nunca significou que elas deixaram de crescer.

Carta nº 8 - Para um professor que precisou recomeçar

Querido professor,

Há uma ideia que costumamos aprender muito cedo: a de que recomeçar significa voltar ao início.

Talvez por isso essa palavra assuste tanto.

Ela parece carregar a sensação de que tudo o que foi vivido antes perdeu o valor. Como se fosse preciso apagar o caminho percorrido para desenhar outro completamente novo.

Mas a docência ensina uma coisa diferente.

Ela mostra que existem recomeços que acontecem sem que ninguém mude de escola, de turma ou de profissão.

Às vezes, o recomeço acontece na mesma sala de aula.

Na mesma carteira ocupada pelos alunos.

Na mesma janela por onde entra a luz da manhã.

O que muda é quem atravessa aquela porta.

Porque nós também mudamos.

Existem anos em que chegamos cheios de certezas. Em outros, carregamos mais perguntas do que respostas. Há momentos em que um planejamento que sempre funcionou deixa de fazer sentido. Uma atividade precisa ser reinventada. Uma forma de ensinar já não alcança aqueles alunos da mesma maneira.

E, sem perceber, descobrimos que permanecer também exige coragem.

Talvez recomeçar seja isso.

Ter humildade para reconhecer que sempre existe outro caminho possível.

Mas nem todos os recomeços acontecem dentro da sala de aula.

Alguns levam o professor para outros espaços da educação. Uma coordenação, uma biblioteca, uma formação de professores, uma secretaria, uma gestão escolar. Há também quem, por diferentes razões, precise se despedir da escola e seguir por novos caminhos.

Durante muito tempo, essas mudanças costumaram ser vistas como despedidas.

Talvez não sejam.

Talvez sejam apenas outras maneiras de continuar educando.

Porque há professores que ensinam diante de uma lousa.

E há professores que ensinam preparando materiais, formando colegas, organizando projetos, acolhendo equipes ou construindo políticas que chegarão, um dia, até uma sala de aula.

A educação é feita de muitos lugares.

E todos eles carregam a mesma intenção: fazer alguém aprender.

Talvez o mais difícil de um recomeço seja aceitar que ele nunca acontece porque deixamos de ser quem éramos.

Ele acontece porque continuamos crescendo.

Há caminhos que só se revelam quando temos coragem de dar um passo diferente.

E outros que só se transformam porque decidimos permanecer neles com um olhar novo.

Talvez seja por isso que nenhum recomeço seja pequeno.

Todos eles nascem de uma escolha silenciosa de continuar.

Mesmo quando a direção muda.

Mesmo quando o lugar permanece o mesmo.

*Com carinho,
Uma professora que ainda atravessa novos recomeços.*

Antes da próxima carta...

Pense por um instante na professora ou no professor que você era há alguns anos.

Talvez muita coisa tenha mudado.

Talvez quase nada.

Mas existe uma pergunta que vale a pena guardar:

Em que momento você percebeu que também havia mudado?

Às vezes, os maiores recomeços não acontecem quando trocamos de caminho.

Acontecem quando olhamos para o mesmo caminho com outros olhos.

Carta nº 9 - Para um professor que ainda escolhe acreditar

Querido professor,

Acreditar, talvez seja uma das palavras mais mal compreendidas da docência.

Há quem pense que acreditar significa ignorar as dificuldades. Fingir que tudo vai bem. Aceitar em silêncio aquilo que precisa ser transformado.

Mas não.

Quem acredita também se cansa.

Também se revolta.

Também questiona.

Também deseja que muitas coisas fossem diferentes.

A diferença talvez esteja em outro lugar.

Mesmo conhecendo as dificuldades, alguns professores ainda entram na sala de aula imaginando que aquele dia pode ser importante para alguém. Não porque tenham certeza de que será. Mas porque decidiram não deixar de tentar.

Talvez seja isso que os faça abrir um livro mais uma vez, mesmo depois de uma semana difícil. Planejar uma aula com o mesmo cuidado, ainda que o dia anterior tenha terminado em frustração. Procurar outra maneira de explicar um conteúdo quando a primeira não alcançou todos os alunos.

Não porque esperem que tudo aconteça como foi planejado. Mas porque continuam acreditando que ensinar merece uma nova tentativa. Acreditar pode ser isso, o não esperar que todos os dias sejam extraordinários. Mas compreender que, mesmo nos dias comuns, ainda é possível fazer diferença. Às vezes, essa diferença acontece em uma conversa que ninguém

mais ouvirá, em uma pergunta feita na hora certa, no incentivo oferecido quando alguém já havia desistido de si. Tais acontecimentos são tão discretos que dificilmente aparecerão em um relatório. Mas continuam existindo.

E talvez seja justamente por isso que alguns professores permaneçam tantos anos na educação. Não porque a profissão tenha deixado de ser difícil. Mas porque, em algum lugar da caminhada, descobriram que as dificuldades nunca conseguiram apagar completamente aquilo que os fez começar.

A esperança é uma força renovada silenciosamente, a cada novo começo de aula.

Com carinho,

Uma professora que também escolhe acreditar mais uma vez.

Antes da última carta...

Antes de seguir, pense em uma aula da qual você saiu feliz.

Não porque tudo aconteceu exatamente como havia planejado.

Mas porque, ao voltar para casa, você teve a sensação de que aquele dia fez sentido.

Guarde essa lembrança.

Às vezes, é ela que nos encontra novamente quando a caminhada parece longa.

Carta nº 10 - Para um professor que permaneceu

Querido professor,

Esta é a última carta.

Mas ela nunca foi sobre o fim.

Ela sempre foi sobre o caminho.

Ao longo destas páginas, voltamos ao primeiro dia de aula. Falamos dos sonhos que chegaram antes da experiência, do cansaço que aparece sem pedir licença, das dúvidas, dos recomeços, das pausas que nem sempre aconteceram e da esperança que, vez ou outra, precisou ser escolhida novamente.

Talvez, enquanto lia, você tenha encontrado um pouco de si em cada uma dessas cartas. Ou talvez tenha descoberto lembranças que já nem sabia que ainda guardava.

A verdade é que ninguém atravessa tantos anos de profissão sem ser transformado por ela.

Os livros mudam.

Os currículos mudam.

As metodologias mudam.

As crianças mudam.

E nós também.

Há professores que permanecem na mesma escola durante muitos anos. Outros percorrem diferentes caminhos. Mudam de cidade, de turma, de função. Tornam-se coordenadores, gestores, formadores, pesquisadores. Alguns voltam para a sala de aula. Outros descobrem novas formas de ensinar.

Mas existe algo que parece acompanhar todos eles. A capacidade de acreditar que a educação continua sendo um encontro entre pessoas. E talvez seja isso que faça esta profissão ser tão difícil de explicar.

Porque ensinar nunca foi apenas transmitir conhecimentos.
É emprestar coragem quando alguém ainda não acredita em si.
É oferecer uma palavra que talvez só faça sentido muitos anos depois.
É celebrar conquistas que ninguém mais percebeu.
É guardar, sem perceber, o nome de alunos que continuam morando na memória.

Talvez você nunca saiba quantas histórias ajudou a transformar.
Talvez nunca descubra quantas palavras suas encontraram abrigo em alguém.
Talvez nunca veja todas as flores das sementes que plantou.
Mas isso nunca diminuiu a beleza daquilo que você fez.

Há profissões que constroem prédios.
Outras constroem estradas.
A sua ajuda a construir pessoas.
E talvez não exista obra mais silenciosa do que essa.

Se algum dia a dúvida voltar a bater à porta — porque ela voltará — espero que você se lembre de uma coisa. Antes de qualquer conteúdo, de qualquer planejamento, de qualquer resultado, existiu alguém que decidiu dedicar parte da própria vida para que outras pessoas descobrissem o mundo. Essa escolha já carrega uma beleza que nenhuma dificuldade consegue apagar completamente.

Obrigado por ter permanecido.

Não apenas na profissão.

Mas na vida de tantas pessoas que talvez nunca tenham encontrado as palavras para agradecer.

Algumas histórias não cabem em certificados.

Nem em homenagens.

Elas continuam existindo na forma como um adulto incentiva um filho a ler, na maneira como alguém enfrenta um desafio porque um professor um dia acreditou nele ou, simplesmente, na lembrança de uma sala de aula onde aprender também era sentir-se acolhido.

Talvez seja assim que um professor permaneça.

Não apenas nos livros de chamada.

Mas na história de quem passou por sua vida.

*Com carinho,
De uma professora para outro professor.*

Antes de fechar este livro...

Não há convite desta vez.

Apenas um agradecimento.

Obrigado por ter caminhado por estas páginas.

Se, em algum momento, você se reconheceu em alguma delas, então este livro encontrou o lugar onde sempre desejou estar.

Dentro de um professor.



Se estas cartas encontraram um lugar dentro de você,
então elas já chegaram ao destino certo.



A AUTORA



Como pedagoga, escrever Querido Professor: Cartas para quem ensina – Volume 1 nasceu da minha trajetória na docência e, principalmente, dos encontros que a educação me proporcionou com tantos professores. Ao longo dos anos, ouvi histórias, inquietações, sonhos, dúvidas e recomeços que, de alguma forma, também passaram a fazer parte da minha caminhada. Percebi que, por trás de cada professor, existe uma pessoa que também precisa ser acolhida.

Foi desse encontro entre tantas histórias que estas cartas nasceram. Elas não foram escritas para ensinar professores, mas para lembrá-los de que seus sentimentos também merecem ser escutados.

Espero que, em algum momento desta leitura, você tenha encontrado um pouco de si nestas páginas.

Com carinho,
Camila Mota

Para quem ensina. Para quem transforma.

Para quem permanece, todos os dias,
acreditando que vale a pena.



Este livro é um abraço em forma de palavras.
São cartas escritas para professores que sonham,
que se cansam, que duvidam, que recomeçam
e, principalmente, que continuam.

Cada carta é um convite para olhar para a própria
trajetória com mais gentileza e reconhecer a beleza
de uma profissão que constrói futuros —
um encontro de cada vez.

Se você já pensou em desistir, se já se sentiu
invisível ou se apenas precisa de um lembrete
de que não está sozinho, este livro é para você.
Porque ensinar é mais do que um trabalho.
É uma escolha de vida.



*"Algumas cartas terminam com um ponto-final.
As que foram escritas com afeto
continuam sendo lidas dentro da gente."*



De uma professora
para outros professores.

e-book
gratuito

